

Controle de custos e receitas: um estudo com os agricultores familiares feirantes de Nova Olímpia-MT

Recebimento dos originais: 02/12/2017
Aceitação para publicação: 20/03/2018

Jocelma dos Santos Coelho

Bacharel em Ciências Contábeis pela UNEMAT

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Endereço: Campus de Tangará da Serra-MT. Rod. MT 358, Jardim Aeroporto, Tangará da Serra-MT – CEP 78. 300-000

E-mail: jocelma_scoelho@hotmail.com

Josiane Silva Costa dos Santos

Mestre em Ambiente e Sistemas de Produção Agrícola pelo PPGASP

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Endereço: Campus de Tangará da Serra-MT. Rod. MT 358, Jardim Aeroporto, Tangará da Serra-MT – CEP 78. 300-000

E-mail: josiane.santos@unemat.br

Cleci Grzebieluckas

Doutora em Engenharia de Produção pela UFSC

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Endereço: Campus de Tangará da Serra-MT. Rod. MT 358, Jardim Aeroporto, Tangará da Serra-MT – CEP 78. 300-000

E-mail: cleci@unemat.br

Paulus Vinicius da Silva

Mestre em Ambiente e Sistemas de Produção Agrícola pelo PPGASP

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Endereço: Campus de Tangará da Serra-MT. Rod. MT 358, Jardim Aeroporto, Tangará da Serra-MT – CEP 78. 300-000

E-mail: paulus.vini@hotmail.com

Gislene Ramos Bessa

Doutoranda em Matemática Aplicada pela UNICAMP

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Endereço: Campus de Tangará da Serra-MT. Rod. MT 358, Jardim Aeroporto, Tangará da Serra-MT – CEP 78. 300-000

E-mail: gislene.ramos@hotmail.com

Rita de Cassia Santos Coelho

Licenciatura em Letras pela UNEMAT

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Endereço: Campus de Tangará da Serra-MT. Rod. MT 358, Jardim Aeroporto, Tangará da Serra-MT – CEP 78. 300-000

E-mail: rita19coelho@gmail.com

Resumo

A feira livre representa uma das mais antigas e resistentes modalidades de comércio, que garante aos agricultores familiares vender sua produção. Desta forma, o planejamento, controle e apuração correta dos resultados podem fazer a diferença neste comércio competitivo. Neste contexto, o objetivo do estudo foi verificar como os agricultores familiares feirantes de Nova Olímpia – MT controlam os custos e as receitas das suas unidades produtivas. Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem quali-quantitativa. A amostra foi não probabilística por conveniência, considerando apenas a participação dos agricultores presentes na feira nos dias da pesquisa (junho de 2017), resultando em 14 entrevistados. O instrumento de coleta foi formulário com perguntas mistas. Os resultados demonstraram que os agricultores não têm por hábito registrar os custos e receitas, a formação do preço de venda é realizada individualmente, utilizando como principal parâmetro o valor de mercado/concorrência e para a maioria deles a feira é única alternativa de comercialização.

Palavras-chave: Feira livre. Apuração de resultado. Agricultura familiar.

Introdução

As feiras livres se caracterizam pela venda direta aos consumidores, geralmente são canais de comercialização de produtos principalmente da agricultura familiar (PIERRI, 2010). Por meio da feira os agricultores têm maior facilidade de comercialização, pois a liquidez é imediata, o que contribui para a geração de renda, além de permitir uma interação entre vendedor e consumidor em espaços dinâmicos (MAZOYER; ROUDART, 2010). Para o agricultor a feira livre pode ser considerada uma solução local que possibilita a agregação de valor aos seus produtos, tornando-se assim uma forma mais rentável para conseguir remunerar os custos da unidade de produção (RIBEIRO et. al., 2005). São compostas em boa parte por agricultores familiares, representantes de um setor da economia de alta importância, com características próprias em cada país (LAMERA, 2008).

No Brasil, a Lei 11.326/2006 classifica a agricultura familiar com base no número de módulos fiscais e cuja mão de obra seja predominantemente familiar, sendo a maior parte da renda oriunda da unidade de produção (BRASIL, 2006). Corresponde aproximadamente 25% do total de despesas gastas com alimentos (HOFFMANN, 2014). Representa 84% dos estabelecimentos rurais e responde por 38% do Valor Bruto da Produção (VBP), porém a remuneração do trabalhador é considerada baixa (IBGE, 2006). Um dos principais problemas enfrentados pelos agricultores familiares está na comercialização, em razão da dificuldade de acesso ao mercado, produção em pequena escala, distância dos principais centros

consumidores, condições precárias das estradas e indisponibilidade de meios de transporte (SIEB, 2015).

Neste contexto, a gestão de custos é uma ferramenta útil que pode auxiliar na administração da unidade de produção, no controle dos custos, na apuração dos resultados bem como direcionar para um planejamento estratégico de plantio, cultivo e comercialização. Todavia, apesar da importância da agricultura familiar na economia, os produtores não possuem o hábito de manter um controle mais apurado dos custos e das receitas (ALVES, 2010).

Diante do exposto, o objetivo geral da pesquisa foi verificar como os agricultores familiares feirantes de Nova Olímpia – MT controlam os custos e as receitas das suas unidades produtivas. Os objetivos específicos consistiram em traçar o perfil socioeconômico dos feirantes do município; e identificar os parâmetros para definição do preço de venda na feira. Justifica-se em razão da necessidade de se conhecer como é feito o gerenciamento das unidades produtivas familiares, bem como seu perfil, a fim de subsidiar a gestão pública para criação de ações direcionadas a realidade e necessidade deste público e também porque estudos desta natureza em Nova Olímpia-MT ainda são incipientes.

Referencial Teórico

1.1 Caracterização das feiras livres

As feiras livres ocorrem desde o período colonial, essa prática foi trazida pelos portugueses, tornando-se presente na cultura popular brasileira (ALMEIDA, 2009). As primeiras feiras se deram entre o século XVII e XVIII, sendo responsáveis pela formação, povoamento e desenvolvimento das cidades no interior do país (VEDANA, 2004; MATOS, 2012).

No Brasil a feira livre é uma modalidade de mercado varejista que costuma ocorrer semanalmente em instalações provisórias e removíveis, geralmente em locais públicos, sendo utilizada como meio para a distribuição de gêneros alimentícios e produtos básicos, produzidos por pequenos agricultores, que se deslocam para os centros urbanos, a fim de vender suas mercadorias, sem necessitar de intermediários, o que contribui na redução dos custos (DANTAS, 2007; MASCARENHAS; DOLZANI, 2008; ALMEIDA, 2009).

Devido ao surgimento de outros meios de comercialização, como por exemplo, o supermercado, houve uma redução das feiras livres, apesar disso, ela ainda tem um papel

significativo na economia da agricultura familiar (GODOY; ANJOS, 2007). A feira proporciona o relacionamento direto entre produtor e consumidor final, fazendo com que o produtor identifique as necessidades e desejos dos clientes e desta forma, aprimore os aspectos produtivos e estruturais (COLLA et. al., 2007). Constitui um local de lazer, encontros onde às pessoas trocam informações ou simplesmente se divertem (DOLZANI; JESUS, 2004) também permite comparar preços entre diferentes comerciantes ao mesmo tempo, sem haver a necessidade de percorrer longas distâncias (SANTOS, 2005).

Todos estes fatos e particularidades relacionados a feira livre faz com que ela seja uma garantia para que os produtores rurais comercializem sua produção. Os consumidores são beneficiados por conseguir verduras e frutas frescas semanalmente e o comercio local também, pois, os feirantes utilizam o ganho para comprar bens de consumo, como sapatos, roupas, material de limpeza, higiene pessoal, etc. (RIBEIRO et. al., 2005).

1.2 A importância da gestão de custos para os pequenos produtores

Para alcançar equilíbrio econômico é indispensável ter o mínimo de domínio financeiro e conhecimento do quanto é necessário para a aquisição de recursos, insumos e a manutenção do empreendimento (KRAYCHETE, 2007). As constantes mudanças e desenvolvimento tecnológico causado pela economia globalizada afetam a agricultura e pecuária e com isso ocorre a competitividade e conseqüentemente uma dificuldade no momento da comercialização, mesmo que em pequena escala. O agricultor familiar, por não possuir subsídios para lidar com esse tipo de situação, acaba sofrendo mais severamente as conseqüências das crises que afetam a economia. Neste cenário, a informação constitui um componente fundamental na tomada de decisão, pois, pode ser utilizada para otimizar os resultados (ALVES, 2010).

O controle de custos possui a finalidade de solucionar os problemas de mensuração monetária dos estoques e conseqüentemente utilizar o resultado como instrumento de administração no planejamento estratégico (MARTINS, 2003). No entanto, muitas entidades independentemente do tamanho, passam por dificuldades de ajustamento e readequação dos custos e preços dos seus produtos. Desta forma, a reorganização e adequação ao meio são essenciais servindo para controlar e avaliar o desempenho da gestão (SANTOS, 2005).

Nas atividades rurais os custos podem ser classificados conforme ocorre nas atividades industriais em: custos diretos e indiretos; e custos fixos e variáveis. Os custos diretos são

aqueles aplicados diretamente ao produto, como é o caso de mão de obra e matéria prima. Já os custos indiretos estão relacionados a produção, sendo necessário métodos especiais para a alocação, tais como rateio, estimativas, etc. (MARTINS, 2003; CREPALDI, 2012). Os custos fixos não variam em função do volume produzido, sendo assim, mesmo que ocorram alterações na produção, eles se mantem fixos, como por exemplo, o aluguel da empresa. Já os custos variáveis estão diretamente relacionados com a quantidade produzida, desta forma, quanto maior for a produção, maior serão os custos variáveis (CREPALDI, 2012).

Neste contexto, o conhecimento dos custos é vital para formar o preço de comercialização do produto e analisar a viabilidade da produção (MARTINS, 2003). Definir o preço de venda é um fator determinante, pois, se este não for realizado de forma adequada apresentará consequências diretas nas decisões. Para uma eficiente definição do preço de venda, deve ser levada em consideração a concorrência, que de certa forma determina os preços a partir da lei da oferta e demanda, o interesse do consumidor que busca satisfação com o produto/serviço e a maximização do resultado (BRUNI; FAMÁ, 2004; BOMFIM; PASSARELLI, 2005).

O método mais tradicional utilizado pelas organizações é a definição do preço baseado nos custos. Neste método são apurados os custos e as despesas dos produtos e serviços aplicando-se uma margem da receita das vendas (Mark-up), que seja suficiente para cobrir os custos e atingir o lucro desejado (CALLADO et. al., 2007; CREPALDI, 2012). Outro método que pode ser utilizado é a definição do preço com base no praticado pela concorrência, este não considera os custos e a demanda dos produtos (BRUNI; FAMÁ, 2004).

Procedimentos metodológicos

A pesquisa é do tipo descritiva, com abordagem quali-quantitativa. Pesquisas descritivas buscam analisar, registrar e interpretar fatos do mundo físico sem a interferência do pesquisador (BARROS; LEHFELD, 2008). A pesquisa qualitativa busca questões muito específicas, preocupando-se com um nível da realidade que não pode ser mensurado e quantificado, visam coletar informações das opiniões, costumes, hábitos e anseios dos entrevistados (MALHOTRA, 2005). Enquanto as quantitativas buscam a quantificação dos resultados produzindo em percentuais e valores monetários (RICHARDSON et. al., 2012).

O estudo foi realizado com os agricultores familiares feirantes de Nova Olímpia - MT, localizado a 200 km da capital Cuiabá. O município foi fundado no dia 19 de março de 1954 e

emancipado em 13 de maio de 1986, possui população de 17.515 habitantes, sendo que 1.679 residem na zona rural (IBGE, 2010).

A feira possui 70 bancas, todas com energia elétrica e água, destas 68 são reservadas para feirantes fixos e dois rotativos. A maioria das bancas é destinada aos feirantes de sítios, chácaras circunvizinhas e dos assentamentos Rio Branco, Riozinho, Paloma, Jatobá, Nova conquista e São José. A feira é composta por agricultores familiares, atravessadores, bancas de salgados, itens diversos como roupas, cd's, panelas, etc., vendedores de temperos, carnes, flores e plantas ornamentais.

A amostra foi não probabilística por conveniência, composta por 14 agricultores familiares que se encontravam presentes nos dias de feira (sábados). A maioria das famílias que realizam a feira é composta pelo casal de agricultores (71,44%), em alguns casos acompanhados pelos filhos (14,28%) e outros apenas mulheres (14,28%). Entretanto, as vendas nas bancas são realizadas pelas mulheres, enquanto os homens cuidam de outras tarefas como reposição de mercadorias, transporte e etc., sendo assim, na pesquisa a participação feminina foi predominante.

Pesquisas não probabilística ocorrem quando não se conhece a possibilidade de cada componente da população a ser escolhido fazer parte da amostra (BUNCHAFT; KELLNER, 1998), é formada por elementos que vão aparecendo (MARTINS, 2005). O número reduzido de participantes da pesquisa deve-se ao fato de que, durante o projeto de pesquisa (2016), a prefeitura disponibilizava transporte gratuito aos agricultores familiares, incentivando aqueles que não dispunham de condições ou transporte próprio, o que gerava maior fluxo de produtores. Contudo, na atual gestão (2017), este não mais foi oferecido reduzindo assim o número feirantes.

O instrumento de coleta de dados foi formulário misto com a aplicação de pré-teste para validar a consistência, verificar lacunas e adequar o nível de compreensão das questões, conforme recomendado por Hair et al. (2005). Devido a rotatividade dos feirantes, a pesquisa foi realizada em três visitas no mês de junho de 2017.

Resultados e Discussão

1.3 Caracterizações da feira e perfil socioeconômico dos feirantes

A feira livre em Nova Olímpia - MT já existia antes mesmo da emancipação do município, sendo naquele período a principal forma de comercialização por não haver supermercados na região. Acontecia em locais provisórios e sem muita estrutura. Em 2002 a prefeitura construiu um espaço próprio, recebendo o nome de José Rodrigues Castanheira. Em 2013 os feirantes se organizaram e constituíram uma associação que recolhe mensalmente uma taxa de R\$ 10,00 por banca, para manutenção do espaço, não havendo cobrança de água e energia.

A feira é popularmente conhecida como “Feira do Produtor Rural”, ocorre aos sábados, com início às 5 horas da manhã e encerra às 12 horas. No local são comercializados diversos produtos in-natura e semiprocessados sendo frutas, grãos, verduras, legumes, doces, carnes, etc.

Na tabela 1 é possível verificar as diversas origens dos feirantes, representando assim a herança da variação cultural mato-grossense (PRATES, 2014), pois ocorre uma diversidade em relação a naturalidade/nacionalidade, totalizando 64,28%.

Tabela 1: Naturalidade dos feirantes

Origem	Quantidade	Percentual
Mato Grosso	5	35,72
Paraná	3	21,43
Alagoas	2	14,29
Minas Gerais	1	7,14
Goiás	1	7,14
São Paulo	1	7,14
Haiti	1	7,14
Total	14	100

Fonte: Dados da pesquisa

Com relação a faixa etária dos entrevistados identificou-se que a maioria dos feirantes (78,57%) tem 46 anos ou mais (Tabela 2). Resultado semelhante foi obtido no município de São Pedro do Sul -RS, cujo 63,7% dos feirantes pesquisados tinham idade acima de 51 anos (SILVA et al., 2014). Levando em consideração que todos os entrevistados residem na zona rural, é possível afirmar que a maioria dessa população encontra-se em processo de envelhecimento, uma vez que somente 21,43% dos filhos ajudam nas atividades agrícolas e da feira. Fato preocupante, pois, a maioria dos jovens não demonstra interesse em continuar o trabalho dos pais. Realidade semelhante identificada também em regiões do sul do Brasil, onde agricultura familiar ainda é predominante (ABRAMOVAY et al., 2001; CARNEIRO, 2001; SPANEVELLO et al., 2010).

Tal cenário corrobora com Schneider (1994) que a mais de vinte anos já alertava que no meio rural havia uma migração significativa dos jovens em busca de melhores condições de vida e quem fica na terra tende a envelhecer. Destaca-se que desde aquela época pouco tem sido feito no tocante a políticas públicas que incentivem os jovens a permanecer no campo ou até mesmo retornar.

Tabela 2: Faixa etária

Idade	Quantidade	Percentual
18 a 35 anos	2	14,29
36 a 45 anos	1	7,14
46 a 55 anos	5	35,71
Acima 56 anos	6	42,86
Total	14	100

Fonte: Dados da pesquisa

No que tange a escolaridade, a maioria dos entrevistados (64,28%) não concluíram o ensino fundamental, todavia 14,29% possuem ensino médio completo e 7,14% superior incompleto. Dados similares foram obtidos em Dourados – MS, em pesquisa realizada com produtores familiares (BEZERRA; SCHLINDWEIN, 2017).

A lei 11.326/2006 considera agricultor familiar àquele que não possui terra com área maior que quatro módulos fiscais (BRASIL, 2006). No município de Nova Olímpia-MT um módulo fiscal equivale a 80 hectares (INCRA, 2013). No entanto, 78,57% das propriedades dos feirantes atingem entre 1 a 20 hectares de terra, dado inferior ao apresentado no censo agropecuário 2006, em que a área média dos estabelecimentos familiares de Mato Grosso era de 56,68 hectares (IBGE, 2006). Tal limitação de área faz com que os feirantes de Nova Olímpia-MT se sintam prejudicados em relação a agricultores de cidades vizinhas, uma vez que estes comercializam na mesma feira e possuem maior área e capacidade de produção, conseguindo assim praticar preços mais competitivos.

Ao ser questionado sobre quais os principais motivos que os levam a comercializar os produtos na feira, a maioria (66,28%) destacou que pelo fato de receber à vista (37,71%) e por falta de opção (28,57%). Os demais alegaram baixa produção, relacionamento direto com o cliente e diversão. Esta última, conforme destacado por uma das entrevistadas que declarou que a feira é um dos únicos momentos que ela consegue se afastar da propriedade e interagir

com outras pessoas, pois, na propriedade reside apenas o casal e segundo ela, o marido acaba vindo para a cidade realizar outras atividades, enquanto ela não.

Tais afirmações corroboram com Gazolla e Schneider (2007) e Vedana (2004) que descrevem a feira como um canal potencialmente eficiente, por proporcionar uma relação direta entre o feirante e o consumidor, contribuindo na redução dos custos de comercialização, beneficiando ambos, além de possibilitar uma socialização e troca de saberes entre agricultores - agricultores e agricultores - consumidores. Em relação ao tempo de comercialização na feira, metade dos entrevistados possuem 11 anos ou mais de experiência, sendo que 35,71% possuem acima de 16 anos.

A tabela 3 demonstra que 64,28% das famílias conseguem obter renda oriunda da propriedade de até dois salários mínimos, enquanto que para 14,29% esta é superior a cinco salários mínimos, representados por agricultores de outros municípios. Realidade também identificada no município de Campo Mourão – MS, pois metade dos feirantes destacaram obter renda de até dois salários mínimos (GRECZYSZN; FAVARÃO, 2013).

Tabela 3: Renda Bruta oriunda da propriedade

Renda Bruta	Quantidade	Percentual
Até um salário mínimo	4	28,57
De um a dois salários mínimos	5	35,71
De três a quatro salários mínimos	3	21,43
Acima de cinco salários mínimos	2	14,29
Total	14	100

Fonte: Dados da pesquisa

Para 57,14% dos agricultores a feira é o único meio de comercialização dos produtos, os demais possuem outras rendas como entrega de leite em residências, fornecimento aos programas federais (Programa de Aquisição de Alimentos - PAA e Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE), supermercados, venda direta na propriedade e etc. O mesmo vem ocorrendo em Mogi das Cruzes-SP, em que para 94,12% dos pesquisados a renda mensal é exclusivamente da feira (FERNANDES; FUGA, 2017).

As sobras de fim de feira são destinadas para alimentar os animais, doar, consumir, revender em outros locais ou jogar fora. Fato preocupante, pois, as perdas inerentes ao processo de comercialização podem ter grande impacto no resultado líquido final, inviabilizando uma atividade produtiva, por isso as decisões relacionadas a comercialização é

uma das atividades gerenciais mais importantes (AZEVEDO, 2007). Segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação - FAO (2011), cerca de um bilhão de toneladas de alimentos produzidos no mundo são desperdiçados a cada ano, no caso de hortaliças e frutas, o problema é motivado pela falta de infraestrutura e manuseio adequado ao longo da cadeia produtiva. Em Mato Grosso este problema ainda é maior, pois além da falta de infraestrutura o clima é predominantemente quente.

4.2 Formação do preço de venda e apuração de resultado

A definição do preço de venda ocorre de forma individual, contudo, os preços costumam seguir um padrão e somente alguns itens têm variações, como por exemplo, melancia, leite e frango caipira. Alguns feirantes destacaram utilizar como estratégia preços 30% inferiores aos praticados pelos supermercados da cidade.

Questionados quanto aos parâmetros para a definição do preço de venda, 78,57% responderam basear-se no preço mercado/concorrência e 21,43% utilizam os gastos de produção como critério. Dados semelhantes aos obtidos por Medeiros et al. (2012), em que 79% dos produtores rurais utilizam o preço de mercado. Corroborando com Crepaldi (2012), que destaca que os principais métodos de fixação de preços são geralmente classificados com base nos custo, concorrência e investimento.

Alguns feirantes relataram que próximo ao término da feira baixam os preços dos produtos e muitas vezes chegam a vender pela metade do valor. Esta variação entre o início e o fim da feira, é o único meio encontrado para não retornarem com mercadoria, já que a maioria dos produtos é perecível. Situação semelhante foi observada em Araguaína – TO, cujos preços dos produtos perecíveis são alterados várias vezes no decorrer da feira (BRAUNA; FONSECA, 2013). Apesar de grande parte deles não utilizar os custos como parâmetro para definição de preço, todos acreditam que os preços praticados são suficientes para cobrir os referidos custos de produção.

Questionados se sabe o que são custos, a maioria demonstrou conhecer, contudo, muitos utilizam a palavra “gastos” quando se referem aos custos e despesas relacionadas a propriedade. Porém quando perguntados se realizam algum controle dos custos e receitas por meio de anotações, 50% responderam que não fazem, 28,57% às vezes, 14,29% na maioria das vezes e 7,14% sempre anotam. Resultado semelhante foi identificado em Cerejeiras/RO, onde 58% dos agricultores nunca anotam os custos e as receitas da produção (MEDEIROS et

al., 2012). Infere-se que a falta de controle e apuração se dá em razão de que o agricultor é responsável por todas as tarefas da unidade de produção – desde a preparação do solo, plantio, manutenção, colheita, embalagem, transporte até a comercialização etc., ou seja, restando pouco tempo para atividades burocráticas e também o baixo nível de escolaridade, pois a maioria não possui o ensino fundamental completo.

Indagados se o dinheiro obtido na feira poderia ser classificado como lucro líquido a maioria (57,14%) respondeu que não. Desta forma, é possível considerar que há conhecimento que o dinheiro obtido nas vendas não é lucro líquido, pois não foram deduzidos os valores referentes aos custos totais. Contudo, alguns feirantes fizeram o uso do termo “lucro livre” para se referir ao lucro líquido. No que tange a satisfação em relação aos resultados obtidos na feira, 92,85% responderam que sempre ou normalmente ficam satisfeitos.

Considerações Finais

Constatou-se que a maioria dos agricultores feirantes é de origens diversificadas, possuem pequenas áreas de produção se comparada a média estadual, a maior parte não têm ensino fundamental completo, poucos contam com a ajuda dos filhos, o trabalho na feira é realizado pelo casal, o tempo de experiência é superior a onze anos e a renda é de até dois salários mínimos. Na visão deles a feira favorece as vendas à vista, não há intermediários, ocorre a socialização através da troca de experiências, satisfação com resultado obtido e também por falta de opção.

Verificou-se ainda que os feirantes não tem por habito registrar os custos e receitas da unidade produtiva, porém demonstraram conhecer o que seriam custos denominados por eles como “gastos”. Quando indagados se o dinheiro obtido na feira poderia ser classificado como lucro líquido denominado por eles “lucro livre”, a maioria respondeu que não, pois, os valores referentes aos custos totais ainda não foram deduzidos.

A formação do preço de venda é realizada individualmente, utilizando como principal parâmetro o valor de mercado/concorrência. E, apesar da maioria não utilizar os gastos como critério para definição de preço, considera que os preços praticados são suficientes para manter os custos de produção. Já as sobras de fim de feira são destinadas para alimentar os animais, doar, consumir, revender em outros locais ou jogar fora.

O fator limitante do estudo foi a redução de agricultores participantes da feira entre o início (2016) e conclusão da pesquisa (2017), pois, o fato da gestão municipal do mandato anterior disponibilizar transporte gratuito e o atual não, incentivava aqueles que não dispunham de condições ou transporte próprio, o que gerava maior fluxo de feirantes e consequentemente de consumidores.

Recomenda-se para futuras pesquisas no âmbito da agricultura familiar, trabalhos ou projetos direcionados a capacitação e orientação do agricultor quanto ao controle e apuração de resultado, semi-processamento dos produtos, bem como parcerias público-privada para aquisição das sobras de fim de feira.

6. Referências

ABRAMOVAY, R. et al. Agricultura familiar e sucessão profissional: novos desafios. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 39, 2001, Recife, PE. *Anais...* Recife, PE: SOBER, 2001. Disponível em: <http://www.gp.usp.br/files/denru_sucessao.pdf>. Acesso em: 27 de junho de 2017.

ALMEIDA, S. P. N. De C. *Fazendo a feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros –MG*. 2009. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Montes Claros. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social. Montes Claros-MG, 2009.

ALVES, C. A. *Agricultura familiar e gestão de custos: um estudo de caso na região do semi-árido baiano*. 2010. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrárias) - Universidade Federal de São Carlos, Araras, 2010.

AZEVEDO, P. F. Comercialização de produtos agroindustriais. In: BATALHA, M. O. (orgs). *Gestão agroindustrial*. 3 ed. São Paulo: Atlas, p. 63-112, 2007.

BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. A. S. *Fundamentos de Metodologia: Um Guia para a Iniciação Científica*. 3 Ed. São Paulo, Editora Pearson, 2008.

BEZERRA, G. J; SCHLINDWEIN, M. M. Agricultura familiar como geração de renda e desenvolvimento local: uma análise para Dourados, MS, Brasil. *Interações*. v.18, n.1, jan./mar. 2017.

BOMFIM, E. A.; PASSARELLI, J. *Custos e Formação de preço de venda*. 3. ed. São Paulo: IOB, 2005.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 jul. 2006. Seção 1, p. 1.

BRAUNA, A. B; FONSECA, F. S. T. A feira-livre como um canal de distribuição de produtos rurais: um estudo exploratório na feira-livre de Araguaína, Tocantins. In: VIII SOBER Nordeste, 2013, Parnaíba: *Anais...* Paraíba: SOBER, 2013.

BRUNI, A. L.; FAMÁ, R. *Gestão de custo e formação de preço: com aplicação na calculadora HP12C e Excel*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2004.

BUNCHAFT, G.; KELLNER, S. R. O. *Estatísticas sem mistérios*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CALLADO, A. L. C. et al. Custos e formação de preço no agronegócio. *Revista de Administração FACES Journal*, Minas Gerais, vol. 6, n. 1, abr. 2007.

CARNEIRO, M. J. Herança e gênero entre agricultores familiares. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 22-55, jun./dez. 2001.

COLLA, C. et al. A Escolha da feira livre como canal de distribuição para produtos da Agricultura Familiar de Cascavel - PR. In: CONGRESSO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL - SOBER, 2007, Londrina: *Anais...* Londrina: SOBER, 2007.

CREPALDI, S. A. *Contabilidade Rural: Uma Abordagem Decisória*. 7ed. São Paulo: Atlas, 2012.

DANTAS, G. P. G. Feiras no Nordeste. *Mercador - Revista de Geografia da UFC*, v.7, n.13, 2007.

DOLZANI, M.; JESUS, G. M. *O direito a cidade: cem anos de feira livre na cidade do Rio de Janeiro*, 2004. Disponível em: <<http://www.uerj.br>>. Acesso em: 10 de março 2017.

FAO - FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. *Global food losses and food waste – Extent, causes and prevention*. Rome, 2011. Disponível

em: <<http://www.fao.org/docrep/014/mb060e/mb060e00.pdf>>. Acesso em: 07 de julho de 2017.

FERNANDES, E. M. S.; FUGA, V. P. As feiras livres de Mogi das Cruzes: Um estudo sobre o canal de comercialização. In: IV Simpósio Nacional de Tecnologia em Agronegócio – Sintagro, 2017, Botucatu. *Anais...* Botucatu, 2017.

GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. A produção da autonomia: os “papeis” do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, vol.15, n.1, p.89-122, 2007.

GODOY, W.I.; ANJOS, F.S. dos. O perfil dos feirantes ecológicos de Pelotas-RS. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v.2, n.1, fev. 2007.

GRECZYSHN. F. R; FAVARÃO. S. C. M. Perfil socioeconômico de agricultores feirantes da microrregião de Campo Mourão-PR. *Rev. Ciências Exatas e da Terra e Ciências Agrárias*, Campo Mourão, v.8, n.1, p. 10-17. Ago. 2013.

HAIR, J. F. Jr et al. *Análise Multivariada de Dados*, 5.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HOFFMANN, R. *A agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos no Brasil?* 2014. Disponível em:< http://www.unicamp.br/nepa/publicacoes/san/2014/XXI_1/docs/a-agricultura-familiar-produz-70-dos-alimentos-consumidos-no-brasil-.pdf />. Acesso em: 12 de abril 2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Censo agropecuário 2006. *Agricultura Familiar: Primeiros resultados, Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação*. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/51/agro_2006.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2017.

_____.Censo demográfico 2010. *Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: 03 de junho de 2017.

INCRA – INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO DE REFORMA AGRÁRIA. *Sistema Nacional de Cadastro Rural índices básicos de 2013*. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/estrutura-fundiaria/regularizacao-fundiaria/indices-cadastrais/indices_basicos_2013_por_municipio.pdf> Acesso em: 20 de julho de 2017.

KRAYCHETE, G. *Economia dos setores populares: sustentabilidade e estratégias de formação*. São Leopoldo, RS: OIKOS, 2007.

LAMERA, J. A. *Análise da eficiência dos assentamentos rurais em Mato Grosso*. 2008. 168 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2008.

MALHOTRA, N. K. et al. *Introdução à Pesquisa de Marketing*. São Paulo: Editora Pearson Prentice Hall, 2005.

MARTINS, E. *Contabilidade de custos*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, G. A. *Estatística geral e aplicada*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MASCARENHAS, G; DOLZANI, M. C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. *Revista Eletrônica Ateliê Geográfico*, v. 2, n. 4, UFG/IESA p.72-87, ago. 2008.

MATOS, B. E. de S. *O centro da periferia: um recorte espacial da feira livre do Pedregal*. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Nacional de Brasília: IH/GEA/UNB, Brasília, 2012.

MAZOYER, M., ROUDART, L. *História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea* [tradução de Cláudia F. Falha Balduino Ferreira]. – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

MEDEIROS, A.F.Q. et al. Controle e apuração de resultados na agricultura familiar sob a ótica da sustentabilidade de produtores rurais. *Custos e @gronegocio on-line*, v.8, n.3. jul. /set. 2012.

PRATES, F. *A rica diversidade cultural de Mato Grosso*. 2014. Disponível em: <<http://www.cultura.mt.gov.br/-/a-rica-diversidade-cultural-de-mato-grosso>>. Acesso em: 01

de Agosto de 2017.

PIERRI, M. C. Q. *Um recorte em território artificializado. Agricultura familiar e comercialização na feira dos Goianos – Gana/DF*. 2010. 194 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

RIBEIRO, E. M. et al. Programa de apoio às feiras e à agricultura familiar no Jequitinhonha mineiro. *Agriculturas*, v. 2, n. 2, jun. 2005.

RICHARDSON, R. J., et al. *Pesquisa Social Métodos e Técnicas*. 3ª ed. Rev. Ampliada. São Paulo, 2012.

SANTOS, A. R. A feira livre da Avenida Saul Elkind em Londrina-PR. *Geografia: Revista do Departamento de Geociências*, v. 14, n. 1, jan. /jun. 2005.

SANTOS, J. *Análise de Custos*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

SCHNEIDER, I. Êxodo, envelhecimento populacional e estratégias de sucessão na exploração agrícola. In: Indicadores Econômicos FEE. Porto Alegre: *Fundação de Economia e Estatística – FEE*, v. 21, n. 4. p. 259-268, jan. 1994.

SIEB, D. L. *Estratégias de comercialização: o caso dos agricultores familiares do assentamento rio paraíso – Município de Jataí (GO)*. 2015, 169 f. Dissertação. (Mestrado em Agronegócio) – Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SILVA, G. P. et al. Perfil e percepções dos feirantes em relação a feira livre dos municípios de São Pedro do Sul (RS) e Santo Augusto (RS). *Revista Monografias Ambientais – REMOA*, Santa Maria, v. 14, n. 2. p. 3203 – 3212. Mar. 2014.

SPANVELLO, R. M. et al. As perspectivas sucessórias de gestão dos negócios do patrimônio entre agricultores familiares sem sucessores. *Revista CCEI*. v.14, n.26, ago. 2010.

VEDANA, V. “Fazer a feira”: estudo etnográfico das —artes de fazer de feirantes e fregueses da feira livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. 2004,

251f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.